

ELLE KENNEDY

ROMANCE NEW ADULT
INÉDITO DA AUTORA DA SÉRIE
AMORES IMPROVÁVEIS



REBELDE

 **essência**

MISFIT

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

REBELDE

ELLE KENNEDY

Tradução

Fernanda Cosenza



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Elle Kennedy, 2022
Os direitos morais da autora foram assegurados
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Fernanda Cosenza, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: *Misfit*

Preparação: Marcela Prada Neublum
Revisão: Andréa Bruno e Tamiris Sene
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Capa: Anderson Junqueira
Imagens de capa: milicad/Shutterstock; Anton Vierietin/Shutterstock;
Wangkun Jia/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kennedy, Elle
Rebelde / Elle Kennedy; tradução de Fernanda Cosenza. -
São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
352 p.

ISBN 978-85-422-2334-7
Título original: *Misfit*

1. Ficção canadense I. Título II. Cosenza, Fernanda

23-4342

CDD 810

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção canadense



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
01415-002 – Consolação
São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em
FreightText Pro e impresso pela
Geográfica para a Editora Planeta
do Brasil em agosto de 2023.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1

RJ

— MANDA VER, AMIGÃO. VOU ME CASAR.

Essas foram as primeiras palavras que minha mãe falou quando entrei na cozinha pela manhã. Óbvio que achei que eu ainda estava dormindo e tendo um sonho. Aquela não *podia* ser a minha mãe encostada no fogão fazendo panquecas, anunciando seu casamento impulsivo como quem não quer nada. Era evidente que se tratava de um daqueles sonhos desconexos em que nada fazia sentido.

Só que não, eu estava acordado. Acordado e, pelo visto, assistindo à crise de meia-idade da minha mãe. Eu sabia que ela estava saindo com um cara nos últimos meses, mas não dei muita importância a isso. Os relacionamentos dela nunca duram.

Mas aqui estou, menos de oito horas depois, espremido num smoking desconfortável e brincando com pedaços de salmão pelo prato ao lado de um estranho tão chocado quanto eu a quem devo chamar de meio-irmão.

Enquanto isso, nossos respectivos, e supostamente, adultos estão se agarrando na pista de dança, proporcionando cenas dignas de pesadelo, ao som de uma música de R&B explícita e melosa dos anos noventa.

Alguém me mata, por favor.

— Pode ter sido o peixe — diz Fennelly, ao meu lado, com uma aparência meio esverdeada —, mas parece que alguma coisa se arrastou até o meu estômago e apodreceu lá dentro.

Ou talvez seja porque o pai dele está passando a mão na minha mãe na frente de uma plateia de garçons mal pagos que não recebem gorjeta suficiente para assistir a essa merda.

— Quando o apocalipse chegar — resmungo, durante aquela tortura lenta e dolorosa — e um cara com um taco de beisebol estiver em cima de mim perguntando quais são minhas últimas palavras, vou responder que já encarei a escuridão de frente e que o medo não exerce mais nenhum poder sobre mim.

Fenn dá um sorriso e vira outra taça de champanhe, como se tivesse crescido tomando isso direto do peito da mãe. Era melhor darem logo uma mangueira para ele. Ou direto na veia.

Ainda não decidi o que acho dele. A gente se conheceu uma hora atrás, um de cada lado do altar, enquanto nossos pais trocavam votos em uma sala vazia. Até agora estou tentando decifrar esse garoto louro e bonito, com o contorno de um cantil aparecendo no bolso.

Ele se chama Fennelly Bishop, um nome escroto pra caralho, mas quem sou eu para falar. Assim como eu, ele se rebela contra o próprio nome, e me disse para chamá-lo de Fenn. Suponho que seja atleta, ou no mínimo que leve jeito para esportes, porque tem aquele porte alto e forte que não parece ter saído de uma academia. Pode ser também que tenha um personal trainer supercaro, um sujeito corpulento que vai até a enorme mansão onde ele mora e recebe duzentos mil dólares por ano para manter esse riquinho de olhos azuis em forma. São gente com grana, Fenn e o pai. Eles cagam dinheiro. Dá para ver só pelo jeito como ele estica o dedo mindinho e se recosta na cadeira, com as pernas abertas, como se estivéssemos todos aqui para servi-lo e entretê-lo com nossos talentos pitorescos e simplórios.

— Quando eu escrever minhas memórias — diz ele, desfazendo o nó da gravata-borboleta no pescoço —, vou me lembrar de hoje como o dia em que aprendi qual é o oposto da pornografia.

Solto uma risadinha baixa. O cara é engraçado, tenho que admitir.

Fenn mal precisa levantar a taça vazia para que volte a ser enchida por um dos garçons de smoking que aguardam nas sombras daquele salão pomposo de country club. É o tipo de lugar onde os talheres são de prata de verdade. Uma pessoa vem correndo e se oferece para servi-lo, mas, em vez disso, Fenn se apossa da garrafa. Uma parte de mim fica imaginando se vou ter que passar por um detector de metais na saída. O country club fica em Greenwich, não muito longe da mansão de David, que, a julgar pela mesalidade considerável do clube, suponho ser um palácio. Estamos anos-luz de distância do subúrbio de classe média baixa onde a minha mãe e eu moramos, do outro lado da cidade.

— Aquela mina ali tá olhando pra você. — Fenn acena com a cabeça por cima do meu ombro.

Como nunca disseram que sou educado, me viro na direção que ele está indicando. Uma morena baixinha com uniforme de garçonete abre um sorriso tímido antes de erguer uma sobancelha.

Volto a me virar.

— Ah, tô de boa — digo a ele.

— Sei lá, cara. — Fenn inclina a cabeça, avaliando. — Até que ela é bo-nitinha. Acho que ninguém ia perceber se você a levasse pro barracão dos carrinhos de golfe ou algo do tipo.

A última coisa que passa pela minha cabeça é pegação. Vou levar semanas para esquecer a exibição do sexo vertical de nossos pais que agride meus olhos nesse momento. Fenn parece ter lido esse pensamento no meu rosto porque solta uma risada e empurra um copo de alguma bebida aleatória na minha direção.

— Pois é. — Ele balança a cabeça. — Não é a hora nem o lugar. Tipo bater uma punheta quando sei que meu pai tá no quarto do lado. Não dá pra ficar duro. É esquisito, sabe?

O cara gosta de se abrir.

— Pra minha sorte — acrescenta, dando de ombros —, ele quase nunca tá por perto.

Da pista de dança, minha mãe acena para nós. E então logo volta a esquecer nossa existência quando as mãos do pai de Fenn agarram sua bunda por cima do vestido branco de cetim. Ele dá uma apertada calorosa, e eu quase vomito. Em matéria de casamentos, este está bem reduzido. Tem mais funcionários do que convidados. Apenas nós quatro, todos arrumados para essa pequena sessão encantadora de táticas de guerra psicológica.

— Isso tá sofrido — murmuro dentro do copo cuja bebida engoli sem identificar. — É tipo assistir uma cena de sexo na TV do lado dos seus pais.

— Não, é tipo estar do lado dos seus pais vendo seus pais fazerem sexo na TV. — Claramente enojado, mas curiosamente hipnotizado, Fenn não consegue desviar o olhar. Ele tenta se livrar do pensamento com um gole de champanhe.

— Estou ao mesmo tempo com vergonha e com nojo de mim mesmo.

Num gesto de misericórdia, Fenn empurra a garrafa na minha direção.

— Toma aí, cara. Nunca é cedo pra arranjar mecanismos de defesa problemáticos.

Levo a garrafa pesada até a boca.

— Saúde.

O problema de champanhe caro é que desce que nem água. Mal percebo quando Fenn troca a garrafa vazia por outra cheia. Nossos pais continuam se esfregando em câmera lenta ao som de uma trilha sonora *cringe* retrô. Enquanto isso, o maldito DJ está rolando o Twitter no celular, ignorando nosso sofrimento.

— Isso é estranho, né? — Fenn está ocupado fazendo um origami deformado com um guardanapo bordado. — Tipo, se os dois morressem neste instante. Vamos supor que um caridoso lustre caia na cabeça deles enquanto estamos sentados aqui. E que um caco de vidro saia voando pelo salão e corte a minha aorta e eu comece a sangrar até entrar em coma... Legalmente, você teria que decidir quando desligar os meus aparelhos.

— Que porra você tá falando?

O cara bebe uma garrafa de champanhe e acha que é Nietzsche.

— Só tô falando que é uma puta responsabilidade. Família e tal. O que a gente sabe um do outro? — Ele faz uma pausa e me encara por tanto tempo que fico desconfortável e me afasto. Todo mundo sabe que os bêbados são propensos a explosões repentinas. — Já até esqueci seu nome — diz ele, com surpresa. — Que merda, esqueci mesmo.

Não consigo segurar o sorriso.

— RJ — eu me apresento, enquanto mais uma música melosa começa a preencher o salão. Jesus Cristo. Já chega. Minha vontade é de matar esse DJ. Ele deve estar fazendo isso de propósito.

— É apelido? — pergunta Fenn.

— Tipo, meus pais apenas escolheram as letras favoritas deles no alfabeto enquanto o médico me segurava pelo pé de cabeça pra baixo?

— Foi isso?

— Não. São as iniciais de Remington John. — Saco o celular, protegendo de leve a tela ao procurar um MacBook na rede de wi-fi. Talvez seja um chute, mas suponho que “Mestre do improviso” pertença ao idiota de fone de ouvido no comando da música.

— *Remington John*? — Fenn solta um risinho debochado. — Bem proletário — comenta, com um ar arrogante de playboyzinho rico.

Distraído, abro o Spotify e tento lembrar o que a gente estava falando.

— Meu pai era fã dos filmes de faroeste com o David Carradine nos anos oitenta. Sei lá. E que porra de nome de personagem de *A Noviça Rebelde* é Fennelly?

Ele dá de ombros, sem se abalar.

— Meu pai vai dizer que é um nome antigo de família. Mas aposto que a minha mãe viu em algum blog de maternidade.

Interrompendo uma performance particularmente tórrida de “Wicked Game”, do Chris Isaac, a voz de “Weird Al” estoura de repente nas caixas de som.

O DJ arranca o fone de ouvido e quase cai do banco tentando entender por que não consegue controlar a música.

— O que foi isso? — Fenn dá uma olhada para mim, depois para o celular na minha mão. — Foi você que fez isso?

Reviro os olhos.

— Bem que eu queria. Tô só conferindo minhas mensagens aqui.

Desconecto do wi-fi e guardo o celular no bolso, deixando que o DJ reassuma o controle enquanto minha mãe e David vêm andando até nós. Suados, sorridentes e sem um pinga de remorso por suas atitudes.

— Hora de cortar o bolo, que tal? — O sorriso dela é alegre e sincero, abrindo uma fresta minúscula no cinismo amargo com que eu encaro aquela reviravolta nas nossas vidas. Então ela repara nas duas garrafas vazias de champanhe e levanta uma sobrancelha para mim.

Dou de ombros, como quem diz “fazer o quê?”. Desculpa aí, só que não. Porra, deviam ter distribuído Rivotril como brinde da festa. Aquela exibição na pista de dança foi pior que uma sessão de tortura soviética.

— Você tinha razão. — David, o novo talão de cheques ambulante da minha mãe, aceita o uísque com gelo que um garçom proativo deposita em sua mão. Ele dá um golinho. — Teria sido melhor investir numa banda.

— Nunca é tarde pra embarcar o baile no jatinho e partir pra Vegas — sugere Fenn, com um tom de deboche na voz.

Não passa batido por mim o fato de ele ter dito *no* jatinho. Não “em um” jatinho, como se fosse um avião qualquer. Mas *NO* jatinho, sugerindo que os Bishop são donos de um avião particular. Puta que pariu. Que mundo é esse e como vim parar aqui?

Quando Fenn levanta a garrafa vazia pedindo mais uma, o pai dele dispensa o garçom com um gesto. Fenn semicerra os olhos.

— Qual foi? A gente não tá comemorando?

David dá uma olhada rápida para o filho.

— Acho que você já comemorou o suficiente.

— Vou dar um pulinho no banheiro — diz minha mãe. Ela se aproxima para tirar um fiapo da lapela do meu paletó e fica um tempo excessivo me encarando com os olhos vidrados. Odeio quando ela fica sentimental. Não é a minha vibe. Ainda mais quando estou sendo submetido à desgraça dos seus caprichos egoístas. — Rapazes, comportem-se na minha ausência.

Não. Porra, me recuso a ser colocado no grupo de *rapazes* dela.

Quando ela sai, David fica parado, sem jeito, dando primeiro uma olhada no relógio e depois conferindo o celular. Passa os olhos pelo ambiente como se estivesse em busca de alguma coisa que exigisse sua atenção com urgência, mas não tem essa sorte. Fica preso ali com a gente, dois jovens desiludidos que estão só esperando ele se afastar para secar mais uma garrafa de champanhe.

— Mas então... — Caramba, ele está na merda. O clima começa a ficar constrangedor. — Vocês dois estão se dando bem? Estão se conhecendo melhor?

— E *vocês* dois, estão se conhecendo melhor? — Fenn revida.

A fala dele sai tão afiada que levo um susto. Durante as últimas duas horas, Fenn se mostrou uma pessoa relaxada, comunicativa. Mas talvez a atitude tranquila e os sorrisos fáceis estejam reservados para qualquer um exceto o pai.

David tosse e ajeita os botões do paletó.

— Sim, bem. Sei que foi uma coisa repentina...

— Diarreia é uma coisa repentina — interrompe Fenn, seus olhos azul-claros frios como gelo. — Você teve tempo de encomendar arranjos de flores. O que significa que teve tempo de cair na real. — Ele lança um olhar para mim. — Sem ofensa.

Dou de ombros. Pô, cara. Sou só um espectador infeliz dessa catástrofe.

— Escuta aqui, Fennelly. Eu entendo que...

— Eu tô aqui, beleza? — Fenn dá um gelo no pai com uma expressão de indiferença e um tom de desdém, e me sinto um intruso nessa situação que está rolando entre eles. — Não vamos fingir que isso tudo não é egoísta pra caralho.

Todas as linhas e músculos no rosto de David se contraem. É impressionante como ele e o filho se parecem. Ambos têm o mesmo porte físico, os mesmos olhos azuis frios e o mesmo cabelo louro-claro. E David é um daqueles sujeitos que não envelhecem. Provavelmente, conseguiria se passar por irmão mais velho de Fenn. Assim como as pessoas sempre acham que a minha mãe, de cabelo preto comprido e pele impecável, é a minha irmã mais velha.

— Fennelly. — David suspira para o filho. — Tem como você fazer um esforço? Hein? Só um pouco. Por mais duas horinhas.

Fenn pega o celular e rola a tela pelas mensagens.

— Tanto faz.

A atenção de David se volta para mim. Não sei se está procurando simpatia ou solidariedade, mas, vendo que não ofereço nenhum dos dois, aperta a mandíbula e vai dar uma olhada no bolo.

Ainda não sei o que pensar de David Bishop. Em matéria de primeiras impressões, não foi um bom começo. Até poucas horas atrás, eu mal pensava nele. Era só mais um cara aleatório com quem a minha mãe estava saindo e que eu não tinha expectativa nenhuma de conhecer. Antes da minha mãe jogar, do nada, um par de abotoaduras compradas numa loja de departamento na minha mão, eu não tinha nenhuma razão para acreditar que esse cara seria diferente da longa lista de relacionamentos breves e intensos que ela iniciava e terminava numa rápida sucessão. Faz muito tempo que parei de tentar associar quem era quem ou até de decorar os nomes.

— Desculpa — Fenn diz para mim. — Acho que ficou um clima.

Ele acha? Solto o ar, bufando pelo nariz.

— Então quer dizer que vocês dois são bem próximos.

— Cara. O maior atestado de *esqueci que você ainda tá aqui* é mandar o jatinho às quatro para um casamento às seis. Tinha um alfaiate com a porra de uma máquina de costura fazendo a bainha da minha calça a trinta mil pés.

— Dureza. — Solto o ar pela boca. — Eu perguntaria quais são as intenções do seu pai com a minha mãe, mas acho que a gente já pulou dessa fase direto pra “*vai querer o beliche de cima ou de baixo?*”.

— Puta merda — diz ele, meio que simulando uma ânsia de vômito. — Acabei de me dar conta de que a sua mãe devia ser uma das comissárias de bordo daquele avião. Eu provavelmente bati uma punheta no mesmo banheiro em que eles transaram.

— Meu Deus, Bishop. Dá pra manter seus traumas só pra você?

Vou precisar de terapia depois desse maldito casamento.

Fenn toma um gole do cantil.

— Mas e aí, qual é a sua?

— A minha?

— É. O que você curte? O que você faz quando não tá sendo sequestrado pra participar de casamentos-relâmpago?

— Nem brinca.

Se a minha mãe disser que está grávida, vou pegar um trem para a Costa Oeste.

Os garçons vêm substituir os pratos e talheres. Servem uma nova garrafa de um vinho de sobremesa com cheiro doce, que Fenn prontamente experimenta.

— Você também tá indo pro último ano, né? — insiste ele. — Onde você estuda?

É um pouco mais complicado que isso.

— Tecnicamente, em lugar nenhum.

— Ah, merda. Você não é um desses garotos de ensino domiciliar, é?

— Ele se inclina um pouco para longe de mim como se tivesse acabado de lembrar que nós dois bebemos da mesma garrafa de champanhe mais cedo.

— Você tomou todas as vacinas, né?

— Eu tava estudando numa escola pública em Windsor no semestre passado. Mas eles sugeriram que eu entrasse de férias mais cedo.

— Você foi expulso. — Ele parece meio impressionado. — Foi merecido?

— É uma questão de ponto de vista.

Aquela diretora não foi com a minha cara desde a primeira vez que cruzei a porta. Bateu o olho na minha ficha e formou uma opinião. Não que eu tenha feito muita coisa para mudar a percepção dela.

— O que você fez?

— Meu amigo Derek roubou o carro de um professor no estacionamento da escola durante uma simulação de incêndio.

Fenn abre um sorriso.

— Boa.

— Uma galera saiu pra dar um rolê de carro pelo bairro até que os guardas da escola montaram um bloqueio em frente ao Taco Bell.

— Tipo armados?

— Eles jogaram umas faixas de pregos no chão, e o Derek conseguiu desviar da maioria, mas a gente acabou com um pneu furado mesmo assim.

— Rola muita doideira no subúrbio.

E muita mentira também.

Eu nem conheço alguém chamado Derek.

Mas não confio em qualquer um que queira me conhecer melhor e não vou dar esse tipo de informação para um cara aleatório. Uma certidão de casamento não nos torna aliados.

Quando minha mãe volta, ela e David nos reúnem em torno de um bolo de casamento branco de dois andares e nos obrigam a ficar assistindo enquanto eles dão pedaços um na boca do outro. Em seguida, eles se emocionam com declarações ainda mais sentimentaloides de uma alegria grotesca, e a única coisa que consigo pensar é em como atrair um dos garçons lá para fora, porque algum deles deve ter um baseado. Embora eu me contentasse com uma colherada de arsênico a essa altura.

— Nunca imaginei que estaria aqui — começa minha mãe, levantando uma taça.

Não foi por falta de tentativa, quase deixou escapar.

Consigo segurar a língua, mas fala sério. É verdade. Minha mãe troca de namorado como quem troca de roupa. Ela passou minha infância inteira saindo com homens que não estavam interessados em se comprometer. Por mais que se esforçasse, ou ela se contentava com o papel de amante, ou ficava sendo enrolada até os caras acharem outra que fosse “para casar”. O emprego de comissária de bordo paga bem, mas não é todo mundo que tem interesse em se casar com uma mulher que vem com bagagem. E, nesse caso, a bagagem sou eu. Depois de toda a merda que ela aturou dos homens ao longo dos anos, acho que faz sentido ter se casado com o primeiro que pediu. E suspeito que a parte do “a gente se conhece há menos de três meses” tenha sido ofuscada por “ele é podre de rico”.

Não que eu esteja chamando minha mãe de interesseira – quem sou eu para negar a ela um pouco de estabilidade financeira? Mas ela tem um tipo. E duvido que a gente teria chegado a esse ponto tão rápido se David não valesse o PIB de um pequeno país.

Mesmo assim, não odeio o fato de que ela parece mais feliz do que nunca. Talvez seja a iluminação, ou o vestido branco tubinho, mas está mais bonita que o normal esta noite. Para uma mãe solo que atura um filho delinquente há dezoito anos, até que não está nada mal. Então talvez eu não possa culpá-la por se permitir um pouco.

— Nem consigo acreditar que isso tudo está mesmo acontecendo. — Ela dá batidinhas leves com um guardanapo embaixo do olho e limpa a garganta. — Estou muito feliz de ter um novo filho, Fennelly. E não vejo a hora de conhecer você melhor.

E daí ela emenda num discurso sobre família e amor, dizendo como eu e David vamos nos tornar melhores amigos e como ele é uma excelente figura paterna – apesar de Fenn talvez ter uma opinião diferente.

Na real, vamos com calma. Essa é a primeira vez que estou no mesmo cômodo que o cara. Ele até parece normal. Legal, acho. Ricaço, óbvio. Mas ainda não fiz o reconhecimento adequado do terreno para descobrir o que ele esconde, e não vou começar a chamar ninguém de papai.

— Nunca imaginei que fosse me casar de novo — diz David na sua vez de falar, abraçando minha mãe com força e lançando um olhar na direção de Fenn. — Mas aí você sorriu para mim, deu uma piscadinha, e foi como me apaixonar pela primeira vez. Toda vez que eu olho para você. Toda vez que escuto a sua voz. Eu me apaixono pela primeira vez.

De sua cadeira, Fenn revira os olhos e fala com a voz arrastada:

— Se a mamãe soubesse que estava atrapalhando a sua busca pelo amor verdadeiro, de repente podia ter pulado os onze meses agonizantes de quimio, não é mesmo?

— Fennelly — David rosna para ele.

Estou prestes a me abaixar para escapar do fogo cruzado quando minha mãe segura David pelas lapelas, mantendo-o perto dela.

— Está tudo bem, amor — eu a ouço murmurar para ele. Ela se vira para se dirigir a Fenn: — Não consigo nem imaginar como deve ser difícil viver com isso — diz ela, com um sorriso triste. — Sei que o seu pai preza pela memória da sua mãe, e eu jamais desrespeitaria isso. Espero que possamos tentar ser amigos.

Fenn nem olha para ela. Está na dele. Não faço ideia do que o mantém grudado no lugar quando é evidente que preferiria pular da janela só para poder sair dali.

— Vai ser um processo de adaptação — David recomeça. — Vamos descobrir isso juntos. Só espero que os dois entendam o quanto Michelle e eu amamos vocês. — Ele faz sinal para um garçom que surge do canto do salão com uma bandeja de prata. Em cima dela, estão duas pequenas caixas de couro verde. — Visto que hoje é um dia especial para todos nós, achei que seria apropriado um presentinho para comemorar a ocasião.

David entrega para cada um de nós uma caixa com uma coroa gravada em ouro. Olho para ela com desconfiança, lutando contra o impulso de dizer “não, valeu”, até que vejo o olhar suplicante da minha mãe. Segurando um suspiro, abro a caixa. Do meu lado, Fenn faz a mesma coisa. Dentro das caixas, dois relógios Rolex iguaizinhos.

David está animado o suficiente para compensar a total falta de empolgação minha e do Fenn.

— É um mostrador em meteorito e caixa de ouro branco com lâmina de metal revestida com um elastômero preto flexível — ele nos informa, como se eu estivesse entendendo uma palavra que seja. Ele está falando grego. — O modelo foi projetado para pilotos de carro em provas de resistência, mas achei que poderia ser uma opção um pouco mais prática e estilosa para dois jovens.

— Ah, sim, bem prático, pai. — Fenn fecha a tampa com um estalo e só falta atirar a caixa longe. — Quanto tempo você acha que o relógio vai durar na escola pública do RJ antes de alguém apontar uma arma pra ele no refeitório?

Solto uma risada pelo nariz que me rende um olhar furioso da minha mãe.

— Que foi? Ele não tá errado. — E então lembro que eu deveria estar me comportando. — Quer dizer, obrigado. Eu, hum, vou tomar cuidado.

Minha mãe e David trocam um olhar rápido e desesperado. A essa altura eles já estão se esforçando ao máximo enquanto Fenn e eu nos tornamos mais difíceis à medida que nossa paciência vai diminuindo. Nenhum de nós queria estar aqui, e acho que estamos os dois nos perguntando por que aguentamos tanto tempo.

— Por falar nisso — David diz nesse momento, com um aceno de cabeça para minha mãe. — Tenho mais uma surpresa, se vocês não se importarem.

Minha mãe sorri para ele, o ar apaixonado voltando a se espalhar pelo rosto.

— Ah, amor. O que você andou planejando?

— Bom, eu tomei algumas providências e consegui garantir uma vaga para RJ na Sandover Prep no próximo semestre.

Ele está brincando?

Escola preparatória?

É, não vai rolar. Conviver com um bando de babacas riquinhos que usam gravata-borboleta e tomam *latte* feito com leite do peito das babás? Não, obrigado. Eu me pergunto se não é tarde demais para embarcar naquele trem para fora da cidade. De repente até me jogar na frente de um ônibus interestadual. Eu poderia me juntar aos vagabundos que ficam pela pista de skate e pela praia em Venice, quem sabe aprimorar minha técnica de bater carteiras enquanto procuro alvos fáceis na rede pública de wi-fi da cafeteria. Qualquer coisa é melhor do que ser enviado para uma escola de imbecis.

— Sério, David? Isso é maravilhoso. — Minha mãe soa animada demais ao cruzar seu olhar com o meu numa insistência desesperada. — Não é maravilhoso, RJ? Vai ser uma oportunidade tão boa para você.

Em outras palavras, *tem como você tentar não ser expulso dessa?*

— Ah, sim, é uma grande oportunidade — Fenn repete em tom de deboche, parecendo estar se divertindo com o anúncio. — Sandover Prep é conhecida pelo alto nível acadêmico e pelos estudantes exemplares... Ah, não, que tolice a minha. Devo estar confundindo com alguma outra escola preparatória. — Ele olha para a minha mãe, cuja expressão se tornou desconfortável. — Sinto muito em informar, nova esposa do meu pai, mas Sandover é o lugar pra onde mandam todos os delinquentes. — Com uma risada solta, ele bate no próprio peito. — Sou a prova disso.

Minha mãe se vira para David, que intervém rapidamente.

— Fennelly está exagerando. Sandover é uma das melhores escolas da Costa Leste. Já formou dois presidentes e dezenas de acadêmicos bolsistas da Rhodes. Eu garanto que lá o RJ vai receber a melhor educação possível e vai ter praticamente um tapete vermelho estendido para a faculdade que ele escolher.

Enquanto David segue tranquilizando minha mãe, Fenn se inclina na minha direção com um sorriso sarcástico e uma provocação discreta.

— Parabéns, irmão. Bem-vindo à escola dos fodidos.

Capítulo 2

SLOANE

FAZ SEMANAS QUE NÃO CAI NEM UMA GOTA DE CHUVA EM NEW HAMPSHIRE. ATÉ a grama está com sede. Enquanto mantenho o passo ágil e ritmado, a terra seca e quebradiça estala debaixo do meu tênis. É como correr sobre uma folha de papel de arroz. As árvores dos dois lados da trilha oferecem alguma sombra, mas não adianta muito. Penny e Bo, nossos Golden Retrievers, estão firmes, ainda que mais ofegantes do que o normal.

— De repente a gente faz o caminho mais curto, hein?

Não respondo, e minha irmã me dá uma cotovelada para me arrancar dos meus pensamentos.

— Desculpa — digo a ela. — Tava viajando.

— O sol tá derretendo a sua cabeça — Casey brinca, mantendo o ritmo ao meu lado.

Essa onda de calor está implacável. Quase consigo sentir a massa cinzenta do meu cérebro derretendo dentro da minha cabeça enquanto corremos pelo caminho de terra pisada no terreno arborizado e vazio da Sandover. Em poucos dias, esse lugar vai estar tomado por garotos com suas idiotices adolescentes. Até lá, temos o domínio exclusivo do território. Nossa propriedade particular de tijolos, gramados e hera.

Com o campus vazio, é fácil se sentir um fantasma, assombrando os pátios abandonados, fora de vista e de alcance. Não tenho certeza da minha

própria existência até que os carros de luxo estacionem e os assobios venham me perseguir pela colina e por entre as árvores.

— Pensa só — digo, batendo palmas para incentivar Bo e Penny, que ficaram mais cabisbaixos, a continuar nos acompanhando. Os dois se aproximam de Casey como se eu fosse a irmã postiça malvada. — Tem garotas por aí que cortariam a garganta da melhor amiga pela chance de morar num campus só de meninos.

Casey bufa.

— Bom pra elas. Aposto que em menos de uma semana o cheiro ia colocar todas pra correr.

Ela não está errada. Lá por setembro, um odor específico impregna as paredes de todos os cômodos e corredores. Não importa quantos baldes de amoníaco a equipe da faxina jogue ali. Garotos são animais e ponto-final.

Mesmo assim, de vez em quando, até que a vista não é das piores.

— E a St. Vincent's? — pergunto para minha irmã. — Acha que você tá preparada?

— Claro. — A resposta dela é um pouco rápida demais.

— Tudo bem se você...

— Não, eu sei. Tanto faz, sabe? — Ela abre um sorriso e limpa o suor da testa. — Começar do zero. Eu tô animada. Só quero que as aulas comecem logo. Toda essa expectativa.

Não sei se ela está forçando esse otimismo por si mesma ou por minha causa. O fato é que nós duas estamos aliviadas por estar longe da Academia Ballard com toda aquela merda. Eu não falei com a Mila nem com nenhuma das minhas amigas antigas durante todo o verão. Não que eu estivesse esperando um pedido de desculpas. Por mim, Mila e as garotas podem se engasgar com suas barrinhas de proteína veganas sem glúten e cair duras.

— Não tem problema se você não estiver bem — digo a Casey. Apesar do que ela diz, sei que não está. Ir para St. Vincent's pode parecer uma solução, mas os boatos e as fofocas não acabam na Ballard. Me dói saber que isso vai continuar perseguindo-a.

Casey abre aquele sorriso radiante que é tão único dela.

— Você se preocupa demais.

Não sei como ela ainda sorri. De onde vem essa luminosidade, como ela protegeu essa luz de todo o resto? Se eu tivesse passado pelo que ela passou, teria acabado num lugar tão fundo, tão escuro, que iam encontrar mineradores perdidos pelo caminho antes de me achar.